

Nascido em 13 de maio de 1939 em Borborema, interior de São Paulo e radicado há décadas no Rio, Julio Shimamoto é orgulhoso de suas raízes nipônicas. “Papai, Kioichiro, nasceu na província de Wakayama, e mamãe, Chiyoko, nasceu em Osaka. Conheceram-se no Brasil e aqui casaram”, conta.

Sua lavoura artística, iniciada na década de 1950, passou pela Publicidade e emplacou, nas HQs, obras-primas como “Volúpia”, “Sombras”, “Claustrofobia” (com Gonçalo Junior), “O Lobisomem Errante” e “O Ditador Frankenstein”. Seu trabalho mais recente, “Sangue & Terror”, entrou à venda faz pouco, celebrando suas oito décadas e meia de vida. Segundo ele, esse mix de histórias traduz sua narrativa, numa evolução histórica, “pela variedade de estilo gráfico, sempre focado em tema gótico, terrorífico”.

Sua forma autoral de meter medo alimentou o imaginário de muitos artesões do quadrinho e da prosa, como é o caso de Lourenço Mutarelli, autor de “O Cheiro do Ralo” e “A Confluência da Forquilha”:

“Shimamoto, o grande Shima, tem um desenho maravilhoso. Desde novo, fui impactado por seu trabalho”, explica Mutarelli. “Sua arte-final é sempre inovadora e surpreendente. Tenho profundo carinho e respeito por esse homem, que segue criando e experimentando”.

Esse gerúndio glorioso de que fala Mutarelli é o alvo do papo a seguir entre Shima e o Correio.

O que mais lhe apaixona na arte dos quadrinhos?

Julio Shimamoto - Sempre fui fascinado por quadrinhos, desde a minha infância no Sertão, quando papai trazia de suas viagens exemplares de “O Gibi” e “Globo Juvenil”. Mesmo sem saber ler, as imagens dinâmicas de super-heróis me empolgavam demais, e o ato de fazer HQs é mais viciante, como afirmou certa vez o grande Alex Raymond, artista americano que imortalizou Flash Gordon. Ele disse que ser quadrinista é mais do que



Mistura de artes plásticas com artes gráficas, as xiloshimas são pintadas na face de azulejos brancos com tinta preta à base de água e, após secagem, as imagens são raspadas com ponta de prego ou espetinho de churrasco, produzindo desenho assemelhado ao xilo

‘Minha arte é basicamente ocidental sem influênc



ser cineasta: por dirigir, ambientar, cenografar e também atuar no lugar dos personagens mais variados.

De que maneira o seu preto e branco evoca o sobrenatural?

Toda noite, quando andamos sozinhos numa rua mal ilumina-

da, sentimo-nos apreensivos. Seria efeito da nossa infância povoada de assombrações, mulas sem cabeça ou lobisomens? O fato é: a escuridão é sempre associada ao pesadelo e a fatos sobrenaturais, sobretudo no sertão, onde passei grande parte da minha infância.

Que elementos sombrios formam o seu imaginário?

Além das superstições dos caipiras, as personagens de HQs e os filmes de terror enriqueceram o meu imaginário.

Do que o senhor tem medo?

De ficar cego ou ficar entredado numa cadeira de rodas. Já a morte não me assusta tanto assim, pelo fato de papai ter me ensinado a não temê-la, para evitar que eu me tornasse um covarde.

O que ainda atrai o senhor

